

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira) - Concedo a palavra, para oferecer parecer à Mensagem, em substituição à Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional, ao Sr. Deputado José Thomaz Nonô.

O SR. JOSÉ THOMAZ NONÔ (PFL-AL. Para emitir parecer. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, como já foi dito, ainda que de maneira meramente enunciativa, pelo nobre Deputado José Carlos Aleluia, temos posição divergente relativamente ao envio de tropas para o Haiti.

A aprovação do envio de tropas para o Timor Leste foi algo absolutamente compreensível. País de língua portuguesa, o Timor Leste, um enclave quase às portas da Austrália, bateu às nossas portas. Muito antes da independência do país, por iniciativa, salvo engano, do então Deputado José Lourenço, recebemos na Comissão de Relações Exteriores o Sr. Xanana Gusmão. Portanto, havia um vínculo absolutamente claro. Inicialmente enviamos para lá um pequeno contingente de 75 soldados e, depois, mais 50, se não me engano. A situação é, em tudo e por tudo, bastante distinta da que ocorre em relação ao Haiti.

Considerado sob o prisma geopolítico, o Haiti é um país da área caribenha, sob influência dos norte-americanos. Com ele temos, sim, laços de solidariedade, mas não tão amplos nem tão intensos que justifiquem o envio de 1.200 homens e equipamentos. Por outro lado, a missão não é de guerra nem de manutenção da paz ante um estado belicoso, mas, sim, de convulsão da sociedade civil. Trata-se de situação bastante assemelhada bastante assemelhada mesmo à que vivemos na Rocinha, no Vidigal, enfim, nas favelas do Rio de Janeiro. Mas para esses locais o Exército não pôde ir, embora até se tenha disposto. Não é isso, porém, o que vamos discutir neste momento.

Tive o cuidado de procurar as corporações castrenses, especificamente o Exército Brasileiro. Essa Força aponta como vantagens o adestramento da tropa, o treinamento em situação de conflito, o contato com tropas de outras nações sem dúvida alguma, itens positivos no balanceamento da decisão.

De negativo, entretanto, existe, digamos assim, a dificuldade de justificar essa operação no atual momento de crise vivida pelo Brasil, no atual momento de absoluta escassez de recursos, no atual momento em que os gastos do Exército são de tal forma contingenciados que o rancho da tropa está sendo suspenso. O nosso pracinha está em estado famélico. O rancho é suspenso às sextas-feiras para evitar maiores despesas ao Exército.

Estou na Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional desde que, ainda sob a condução do saudoso Luis Eduardo, foi feita a fusão das Comissões de Relações Exteriores e de Defesa.

A situação financeira das tropas é constrangedora. O Ministro José Viegas, hábil no linguajar, teve de sofrer muito nas vezes em que esteve na Comissão para explicar que não tem dinheiro para nada. Há contingenciamento de munição e há contingenciamento de alimentação, que dirá de outras atividades comezinhas às Forças Armadas.

É nesse contexto que vamos enviar tropas ao Haiti, repito, país que não está diretamente ligado à nossa área geopolítica de influência.

É uma questão de mensuração política não se trata de gesto da Oposição; não falo como Líder da Minoria, mas como membro da Comissão. Cotejando-se o que há de

positivo, de um lado, e de negativo, de outro, a conclusão é a de que o envio de tropas ao Haiti é inoportuno.

Quero ainda citar algo indigesto, difícil de ser admitido por um Parlamento soberano; seria fácil se este fosse mais manso e dócil. Os jornais publicaram fotos de veículos brasileiros já pintados com as cores das Nações Unidas antes de o Congresso Nacional aprovar a mensagem. A rigor, estamos discutindo algo que está consumado. Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, com todo o respeito, não podemos dar nosso *placet*, nossa concordância a algo que, ao meu ver, é um equívoco político, uma inopportunidade administrativa.

O único argumento realmente ponderável, mas oculto, não explícito, é o de que se trata de colocar mais uma perna na cadeira de membro permanente do Conselho de Segurança da ONU. É por isso que estamos fazendo, como se diz na gíria diplomática, mais uma vez, o papel de *good guy*, de bonzinho, ao atender ao telefonema de Jacques Chirac. Todavia, por mais importante que ele seja, não baliza política nenhuma, principalmente a de um Presidente viril como o do Brasil, que levanta invocado, telefona ao Bush e dá um recado decidido. Homem com esse grau de virilidade não pode se submeter a um cochicho em francês.

Por essas e outras, o parecer da Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional é frontalmente contrário ao envio de tropas ao Haiti, até porque em alguns lugares o Haiti é aqui mesmo.